

OLIVEIRA, Liliana de Matos. O Festejo da Morte como evento estético e espetacular na festa de Nossa Senhora da Boa Morte em Cachoeira. Salvador: Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas; Universidade Federal da Bahia; Mestranda. Atriz, Professora e Dançarina.

RESUMO

O presente artigo trata de um cogito sobre a morte enquanto elemento de estetização e espetacularização da existência, a partir da análise do festejo fúnebre na manifestação de Nossa Senhora da Boa Morte em Cachoeira. A configuração da manifestação a partir de uma dinâmica festiva, em que a complexidade, a polissemia e a pluralidade da vida são evidenciadas, permitem pensar em uma possível abordagem espetacular da festa.

Palavras-chave: Festa de Nossa Senhora da Boa Morte. Ancestralidade Festiva. Rito Espetacular. Etnocenologia. Estetização da Existência.

ABSTRACT

This article is a cogito on death as a matter of aesthetics and spectacularization of existence based upon an analysis of the funeral feast in the celebrations of Our Lady of Good Death in Cachoeira. Situating the event in a dynamic festival, where complexity, polysemy and plurality of life are highlighted, it allows to think a possible approach of this spectacular party.

Keywords: Feast of Our Lady of Good Death. Ancestry Festive. Rite Spectacular. Ethnoscenology. Aesthetic of Existence.

Os ritos religiosos e os festejos públicos inseridos na categoria das manifestações populares são estudados por diversas disciplinas. Em artes cênicas, tornou-se campo de investigação da etnocenologia, disciplina conceituada como o “estudo dos comportamentos humanos espetacularmente organizados” (BIÃO, 1999, p. 364).

Na busca por uma definição dos objetos compreendidos pela etnocenologia, uma proposta de organização em subgrupos ampliou a compreensão das possibilidades abertas por essa disciplina. Proposta por Armindo Bião (2007, pp. 21-42), a subdivisão em artes do espetáculo, ritos espetaculares e formas cotidianas, espetacularizadas pelo olhar do pesquisador contribuiu para elucidar os objetos de interesse desta perspectiva transdisciplinar.

Prosseguindo na sistematização, Bião propôs associar a estes subgrupos categorias gramaticais: objetos substantivos, adjetivos e adverbiais respectivamente, na tentativa de ampliar a conceituação. Aos ritos espetaculares ou fenômenos adjetivamente espetaculares, categoria de interesse para o diálogo neste artigo, compreendem-se as manifestações rituais, os festejos públicos, como pontua o estudioso: “É o campo dos rituais religiosos e políticos, dos festejos públicos, enfim dos ritos representativos ou comemorativos, na terminologia de Émile Durkheim” (BIÃO, 2007, p. 7).

Das conceituações apresentadas pela Etnocenologia para o termo “espetacular”, podemos inferir uma inerente ligação com aspectos estéticos, com uma forma de apresentação que difere das ações comuns do cotidiano. Alexandra Dumas destaca o diálogo que se estabelece entre a espetacularidade e o caráter estético a partir do jogo perceptivo: “Relacionam-se com o jogo estético de um acontecimento que, ao ser executado, se completa na recepção do objeto por uma plateia que assiste, que contempla, que dialoga com o que é apresentado” (DUMAS, 2010, p. 2).

Destaca, ainda, a relação que a Etnocenologia realiza a respeito do caráter espetacular com o campo estético a partir do que nos revela Armindo Bião: “compreendido simultaneamente como o âmbito da experiência e da expressão sensoriais e dos ideais de beleza compartilhados [...]” (DUMAS, 2010, p. 2).

São estes aspectos, estéticos e espetaculares, referenciais para observar a Festa de Nossa Senhora da Boa Morte, manifestação popular que tem seus fundamentos vinculados aos feitiços da religiosidade católica e aos fundamentos da religião do candomblé. A festa realiza-se anualmente entre os dias 13 e 17 de agosto na cidade de Cachoeira¹, na Bahia, configurando-se como manifestação cultural e de religiosidade.

Os dois primeiros dias da festa são dedicados à Morte de Nossa Senhora; sentinela, missa e procissão de enterro (imagem de cadáver). No terceiro dia, dedicado à Assunção de Nossa Senhora, comemoram-se a glória, a assunção, a “boa morte”. Os dois últimos dias são dedicados aos ritos profanos, com distribuição de comidas pela Irmandade, samba de roda e diversos gêneros musicais.

A Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte é uma confraria de mulheres negras surgida nas primeiras décadas do século XIX, possivelmente por volta de 1820. Suas atividades religiosas ligadas ao catolicismo e ao culto dos orixás tiveram início na Igreja da Barroquinha, em Salvador. A Irmandade seguiu para Cachoeira no contexto de lutas e instabilidades sociais, afirmando-se como representante nas esferas política, religiosa e econômica dos negros escravos e alforriados.

Da interligação entre vida e cultura que se presencia na Festa da Irmandade da Boa Morte observa-se pulsante seus aspectos estéticos e espetaculares² — características próprias do ser humano que nos parecem evidentes como traço humano, como ressalta Pradier: “Existem tantas práticas espetaculares no mundo, que se pode razoavelmente supor que o espetacular, tanto quanto a língua e talvez a religião, sejam traços específicos da espécie humana” (PRADIER, 1999, p. 28).

¹ Cachoeira é um município brasileiro do Estado da Bahia e está localizado na microrregião de Santo Antônio de Jesus. Situado às margens do rio Paraguaçu, está distante cerca de 120 quilômetros de Salvador.

² No início não havia a proibição de se transitar entre o Céu e a Terra. A separação dos dois mundos foi fruto de uma transgressão, do rompimento de um trato entre os homens e Obatalá (PRANDI, 2001, p. 514).

A temática da morte, como elemento fundante da festa, apresenta a convergência da dupla pertença religiosa das irmãs. A mitologia africana encontra no mito de Obatalá (PRANDI, 2001, p. 514) a explicação para o festejo do episódio da morte como elemento de reencontro do homem com o orixá, do Aiyê (este mundo) com o Orum (o além). No candomblé, a relação entre os tempos-espacos constitui o cerne de sua prática, seja nos rituais fúnebres denominados *àsèsè*³ ou no culto aos mortos/ cultos aos eguns (espíritos dos mortos recentes e os já agregados à categoria de ancestrais).

Das práticas herdadas pelas Irmandades no que se refere à religiosidade católica, destacam-se as festas em homenagem às imagens de cadáveres. O caráter espetacular das práticas fúnebres das Irmandades ao longo do século XIX; na função social de organização dos rituais fúnebres e na expressão de religiosidade através do culto às imagens de cadáveres revelam o interesse e o tratamento dado ao fenômeno da morte como revela João José Reis:

Festas em torno de imagens de cadáveres, essas procissões parecem ter servido de modelo para os antigos funerais brasileiros, verdadeiros *espetáculos*. As procissões de Enterro, em especial, *teatralizavam* o funeral apoteótico de um Deus vitorioso, a quem os fiéis desejavam reunir-se quando mortos. *Imitando-as*, os cortejos fúnebres — e porque não chamá-los de *festas* fúnebres? — antecipava o feliz destino imaginado para o morto e, por associação, promovia esse destino... (REIS, 1991, p. 138).

O caráter espetacular também era evidente nos rituais fúnebres organizados pelas Irmandades no século XIX, como pontua João José Reis:

Uma boa morte era sempre acompanhada por especialistas em bem morrer e solidários espectadores. Ela não podia ser vivida na solidão... Observa-se o sentido explícito de espetáculo dos funerais de outrora: o convidado foi convocado a “abrilhantar” o enterro... Pode-se ver e era tudo feito para ser visto — que não era pouca a energia gasta pela família e pessoas próximas... (REIS, 1991, p. 139).

Neste sentido a Festa da Boa Morte, realizada no mês de agosto em Cachoeira, ritualiza a morte convergindo as feitura que norteiam os rituais do culto africano com a espetacularidade das manifestações exteriores da religiosidade católica, revelada nas festas em homenagem às imagens de cadáveres e ampliada para as práticas sociais das Irmandades nos ritos funerários de outrora.

A Festa da Boa Morte ritualiza a morte a partir desse encontro cultural. Um dos aspectos que vale ressaltar reside na curiosa contradição entre a abordagem mítica da religião católica e as ações desenvolvidas pelas irmãs no ciclo desta festa/culto.

A beleza da contradição reside no fato de Maria, segundo a mítica católica, transcender aos céus de corpo e alma, sendo Imorredoura, e se apresentar na manifestação da Boa Morte cercada por todas as etapas de um ritual fúnebre.

³ Cerimônia realizada nos terreiros quando da morte de um dos seus membros. SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nàgô e a Morte**. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.

Para tanto nos revela Dona Estelita, juíza perpétua⁴: “Maria foi carregada de corpo e alma, mas nós temos que fazer a imitação de Maria e Cristo... é o dia... de sepultar, na imitação, porque Maria não é sepultada, na imitação o enterro de Maria, então temos que ter um grande sentimento, o amor, esta grande concentração...”.

O feitio espetacular se evidencia na necessidade de construção de uma narrativa que dirija tanto as irmãs quanto os participantes nesta relação primordial entre vida e morte, na construção através do rito dos aspectos constituintes da própria existência. É nesta divisão categórica, entre a relação física e metafísica, que atua a Irmandade. Boa Morte um misterioso meio de celebração da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIÃO, Armindo. Aspectos epistemológicos e metodológicos da etnocenologia: por uma cenologia geral. In: **Memória ABRACE I: Anais do I Congresso Brasileiro de Pesquisa e pós-graduação em artes Cênicas**. Salvador: UFBA, 1999.

_____. **Etnocenologia e a cena baiana: textos reunidos**. Salvador: P&A Gráfica e Editora, 2009.

DUMAS, Alexandra Gouveia. **VI Congresso de Pesquisa em Artes Cênicas**, 2010.

PRADIER, Jean-Marie. Etnocenologia. In: BIÃO, Armindo e GREINER, Christine. **Etnocenologia: textos selecionados**. São Paulo: Annablume, 1999. p. 364.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

REIS, João José. **A Morte é uma Festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

⁴ Dona Estelita, hoje aos 104 anos de idade, em entrevista ao documentário “Eu Vi Boa Morte Sorrir”, 1996.